



PSICANÁLISE

Bernard Nominé

Sobre identidade e identificações

Conferências (2014-2015)

Blucher

SOBRE IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÕES

Conferências (2014-2015)

Bernard Nominé

Tradução

Elisabeth Saporiti

Organização da tradução

Sheila Skitnevsky Finger

Revisão técnica

Sandra Leticia Berta

Título original em espanhol: *De la identidad y de las identificaciones: ciclo de conferencias em UTLA 2014-2015*

Título da tradução brasileira: *Sobre identidade e identificações: conferências (2014-2015)*

© 2016 Bernard Nominé

© 2018 Editora Edgard Blücher

Imagem da capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nominé, Bernard

Sobre identidade e identificações : conferências (2014-2015) / Bernard Nominé ; tradução de Elisabeth Saporiti ; organização e tradução de Sheila Skitnevsky Finger ; revisão técnica de Sandra Leticia Berta. – São Paulo : Blucher, 2018.

152 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1359-8 (impresso)

ISBN 978-85-212-1360-4 (e-book)

Título original: *De la identidad y de las identificaciones: ciclo de conferencias en UTLA 2014-2015*

1. Psicanálise 2. Identidade (Psicologia) 3. Identificação (Psicologia) I. Título. II. Saporiti, Elisabeth. III. Finger, Sheila Skitnevsky. IV. Berta, Sandra.

18-1556

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise : Identidade

Conteúdo

Prólogo à edição brasileira <i>Bernard Nominé</i>	7
Prefácio <i>Dominique Touchon Fingermann</i>	9
Primeira conferência: 7 de novembro de 2014	17
Segunda conferência: 5 de dezembro de 2014	35
Terceira conferência: 9 de janeiro de 2015	57
Quarta conferência: 6 de fevereiro de 2015	79
Quinta conferência: 13 de março de 2015	101
Sexta conferência: 10 de abril de 2015	123
Referências	145

Primeira conferência: 7 de novembro de 2014

Neste ano, pensei em partilhar com vocês o trabalho de investigação que também estou realizando em meios especializados nos quais falamos entre colegas que leem habitualmente Freud e Lacan.

Evidentemente, dirigir-se a colegas advertidos e falar para vocês que vêm me escutar por múltiplas razões que não conheço não é, de forma alguma, o mesmo exercício. Creiam, o fato de ter de dirigir-me a vocês supõe muito mais exigência e por isso mesmo meu interesse.

Assim, este ano estou trabalhando a questão da identidade e das identificações e vou me empenhar para que vocês tirem proveito disso.

Em nosso mundo de hoje, a questão da identidade é mais crucial do que nunca. Quanto mais se estende a comunidade humana, mais se trata de globalizar-se, inclusive de federar-se, mais as pequenas unidades que a compõem – os “*trumains*”,¹ como Lacan

1 “*Trumains*”: contração do francês “*être humain*” – ser humano – que se produz

se divertia ao nos designar –, mais os “*trumains*” reivindicam sua identidade para não se dissolverem na massa.

Essa facécia que Lacan se permitia com a língua produz seu efeito. Esse é o princípio da psicanálise. Trata-se de fazer entender de outro modo aquilo que acontece. Neste ponto, a psicanálise se distingue da psicologia. O psicólogo lhes explica o que acontece, pode até conduzi-los a se interrogarem sobre o que acontece, mas com a ferramenta de sua compreensão. Com seus *trumains*, Lacan nos dá a entender algo que vai mais além de nossa compreensão. Uma pessoa entende o que quer, desde logo, mas o interesse está naquilo que faz passar do singular do ser – todos queríamos ser singulares – ao plural das pequenas unidades que somos: os *trumains*.

Além do mais, isso faz surgir a mão [*main*] nessa história. É certo que nós, os “*trumains*”, quando nos encontramos, nos damos a mão. É um sinal. Pois bem, não só está a mão nos “*trumains*”, está também o “*tru*”² um pouco incongruente que se impõe e do qual deixarei vocês darem conta.

Cada um tem o seu truque [*chacun son truc*]³ e, ao fim e ao cabo, talvez seja com esse truque que cada um se vira melhor. Vejam como a língua é divertida quando se lhe deixa fazer. Quando queremos falar de algo cujo nome esquecemos, o que nos vem de imediato é “troço” [*trucmuche*].⁴ Isso acaba por identificar um “*trumain*” com seu truque.

ao se pronunciar o termo. Lacan o emprega no *Seminário 24: o momento de concluir*, de 17 de janeiro de 1978. [N.T.]

2 “*Tru*” remete a “*truc*”, termo coloquial muito usado, como curinga, em francês, e que se traduz por “truque”. [N.T.]

3 Esta expressão pode ser traduzida por “cada um por si”. [N.R.]

4 “*Trucmuche*” é um termo que se usa para nomear um objeto cujo nome se esqueceu no momento em que se fala. [N.T.]

Porém, com relação a esse famoso truque, não somos todos iguais. Há aqueles que o reivindicam em alto e bom som para não cair no anonimato do grupo, tomando, então, o aspecto do que chamamos narcisismo das pequenas diferenças. Cada um tem a ver com seu pequeno *truc* que o singulariza. E, ao contrário, logo se encontram os que querem fundir-se com a massa e tendem a querer esconder seu *truc*, recorrendo às vezes de forma abusiva à identificação.

A identificação, em seu sentido etimológico, significa fazer-se uma identidade. A identidade é algo que se constrói e a identificação é o processo pelo qual isso é conseguido. É um processo complexo que trataremos de elucidar ao longo deste curso. Prende-se às relações do sujeito com o Outro e, por isso, à sua relação com o significante.

Pelo fato de vivermos em sociedade, todos nós temos de encontrar nosso lugar, é para isso que serve a identificação: para definir o próprio lugar na ordem simbólica. Todos temos de nos identificar. Aqueles que não conseguem, sofrem enormemente e são vivenciados pelos demais como estranhos e, assim, perigosos. É esse o motivo pelo qual são confinados.

A identificação é um processo que se impõe porque temos de encontrar nosso lugar numa relação que não seja dual.

Na relação dual, não há identificação simbólica, há efeitos de espelho, quer dizer, efeitos imaginários, o que vem a ser coisas distintas. Isso se observa no mundo animal e dá lugar a fenômenos de mimetismo ou a fenômenos mais complexos, como em alguns pássaros, por exemplo, nas galinhas, em que a visão de sua própria imagem no espelho provoca a ovulação. É um efeito direto da imagem no organismo. Os *trumains* não são insensíveis a esses efeitos da imagem do outro. É isso que se observa nos fenômenos de

agressividade: a violência de um desencadeia a violência do outro, se o outro se deixa levar pela reação em espelho.

Isso também se observa na identificação do sujeito psicótico, o que chamamos de transitivismo. O psicótico se deixa levar facilmente pelos efeitos do espelho. Na vida, isso se localiza no fato de que o psicótico pode dar a impressão de ter várias personalidades, pois sua personalidade depende totalmente da personalidade de seu interlocutor.

Esse fenômeno culmina na paranoia, o que alguns autores têm chamado de projeção.

De fato, o paranoico atribui ao outro que tem na sua frente – e a quem supõe que lhe quer mal – todo o mal que o habita.

Nessa pseudoidentificação, prevalece o imaginário. Digo pseudoidentificação porque, vocês verão logo mais, a identificação propriamente dita é um processo simbólico, quer dizer, fundado no significante e supõe ao menos três lugares. Desde o momento em que há três, é necessário eleger seu lugar. É o que acontece com muita naturalidade na família em que o bebê deve encontrar seu lugar entre o pai e a mãe.

O que Freud descobre quando se volta para o processo de identificação é que, em primeiro lugar, diz respeito a essa entidade que designa como Eu. O Eu tem duas formas de se comportar frente ao objeto que ama: ou bem quer ter esse objeto – é o amor em sua versão clássica – ou bem quer ser esse objeto. Esse é o ponto de partida da identificação.

Leitura de Freud

Ou bem o Eu situa esse objeto como um objeto de amor que contém todas as qualidades, enquanto ele, o Eu, se rebaixa, se empobrece, faz tudo para tê-lo. Ou bem o Eu renuncia à busca desse objeto, renuncia a tê-lo e vai querer sê-lo. A identificação é isso. Na identificação, o Eu “introjeta” as qualidades do objeto e, então, se reforça.

Essas duas definições são simples e eficazes. Aparentemente, opõem *amor* de um lado e *identificação* de outro, em nome desse grande princípio freudiano que opõe tê-lo a sê-lo.

Uma primeira objeção surge quando Freud assinala que alguém pode identificar-se inconscientemente a um objeto que não ama. Porém, esse tipo de identificação é secundário, não é primitivo. O menino, por exemplo, identifica-se com seu pai para tomar seu lugar com relação à mãe. Há uma nota de rivalidade nesse assunto.

Esse processo se inscreve num ternário. Aí estão o Eu, seu objeto e o terceiro que corresponde à situação edípica. A identificação aí não traduz o amor, mas sim a rivalidade.

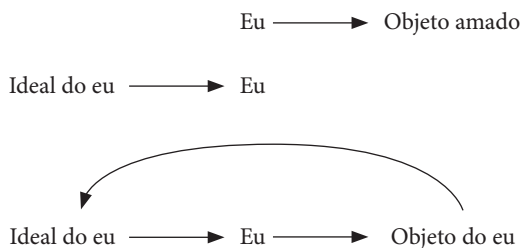
Da mesma forma, na menina pode haver a identificação ao sintoma da mãe, coisa que traduz uma culpabilidade: “você quis tomar o lugar da sua mãe, pois bem, sofra como ela”. No entanto, isso pode também ter o sentido exatamente inverso, como em Dora que tosse como seu pai. Freud resolve essa dificuldade dizendo que o Eu regressa e volta à identificação primitiva em lugar de assumir a busca pelo objeto amado.

Creio que para captar essa diferença entre amor e identificação, segundo Freud, é necessário objetivá-la com um mínimo de lógica.

Freud nos incita a isso na primeira descrição que nos dá, desde o início do seu capítulo sobre a identificação.

Ele parte da posição do menino em relação a seu pai. Muito depressa, faz de seu pai seu ideal, essa é a primeira forma de apego a um objeto, diz. Ao mesmo tempo, expressa um apego à mãe que representa o objeto que ele quer ter. Essas duas correntes vão ter uma evolução paralela, sem interferir uma na outra. Depois, no momento do complexo de Édipo, essas duas correntes se encontram. A identificação com o pai está, dessa forma, a serviço do apego à mãe. “Se você quer ter sua mãe, deve se parecer com quem é seu objeto.”

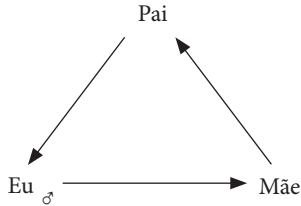
Num primeiro tempo, ilustro essas duas correntes como Freud faz em seu esquema sobre a organização da massa. Quer dizer, ou bem uma flecha que parte do Eu e se dirige ao objeto para figurar o amor, ou bem uma flecha que parte do objeto idealizado e se introjeta no Eu para ilustrar a identificação.



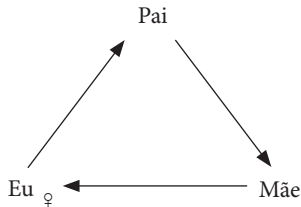
A flecha curvada ilustra a identificação por regressão. O objeto do Eu se converteu em ideal do eu e serve para identificar-se.

Em prol da simplicidade da exposição resumo, a seguir, a identificação mediante uma flecha que se dirige ao Eu e o amor mediante uma flecha que se dirige ao objeto.

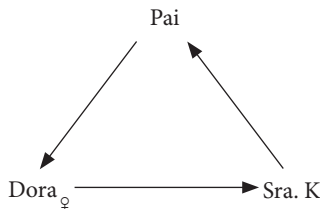
No caso do menino neurótico comum, quer dizer, aquele em quem o complexo de Édipo operou, a tese freudiana pode ser assim representada:



No caso da menina, podemos escrever assim:



Porém, na situação da identificação com o sintoma, como em Dora, cujo sintoma imita a tosse do pai, seria necessário encarar o circuito de outra maneira, e eu proponho a vocês deste modo:



Aqui é o lugar em que Freud introduz a noção de regressão. A menina se identifica com o pai em vez de tomá-lo como objeto de amor. Se Dora é o exemplo em que Freud se apoia, podemos

duvidar da validade dessa resposta, pois o verdadeiro objeto de amor não é o pai nem o Sr. K, mas sim a Sra. K. Por isso, esse pequeno gráfico me parece correto. E, de passagem, observamos que nessa identificação pelo sintoma a menina se comporta como o menino.

Finalmente, Freud se acautela em mostrar que a identificação não é um conceito homogêneo, o qual o leva a distinguir três tipos de identificação. Ele mesmo resume assim:

*primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação libidinosa, como que através da introjeção do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais.*⁵

Convém que nos detenhamos um momento nesses três tipos de identificação localizadas por Freud.

Não começo pela primeira identificação, embora seja a mais problemática, inclusive paradoxal. Volto a ela mais adiante. Primeiro, insisto na segunda, naquela que Freud nos diz que é uma regressão.

Por que uma regressão? Porque, segundo ele, o amor é um progresso com relação à identificação primitiva em que o Eu quer ser, quer assimilar, o objeto que ama. Porém, Freud observa que em algumas ocasiões o Eu pode querer voltar atrás e fazer de seu objeto de amor um objeto de identificação.

5 Freud, S. (2011b). Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923). In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 15, pp. 13-113, P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. Publicado originalmente em 1921.

O que Freud assinala é que, nos dois casos (identificação primitiva ou identificação secundária regressiva), a identificação não é massiva, é só parcial, “altamente limitada, tomando apenas um traço da pessoa-objeto”.⁶

Nesse ponto, Lacan insiste em sua leitura de Freud e nos permite compreender que a identificação freudiana é uma identificação significativa. O que vem a ser esse *einzigiger Zug*, esse traço unário, como Lacan o traduz? É um significante eleito para representar o Outro. Na álgebra lacaniana – na qual eu trato de iniciar vocês há dois anos – isso se escreve simplesmente S1, e vocês verão que isso simplifica muito as coisas, pois a identificação é a relação que o sujeito mantém com esse significante, que o representa perante o Outro.

A terceira identificação é um pouco diferente. É a identificação chamada histérica. Seu protótipo é a jovem do pensionato que recebe uma carta de seu amiguinho que desperta seus ciúmes, “[uma carta] à qual ela reage com um ataque histérico, algumas de suas amigas que sabem do que se trata pegam esse ataque, como dizemos, por via da infecção psíquica”.⁷ Nesse tipo de identificação, a pessoa imitada não é nem amada nem odiada, só tem interesse pelo seu sintoma.

*Um Eu percebeu no outro uma analogia significativa em certo ponto – em nosso exemplo, na mesma disposição afetiva –, constrói-se uma identificação nesse ponto, e sob influência da situação patogênica essa identificação se desloca para o sintoma que o Eu produziu.*⁸

6 *Op. cit.*, p. 64.

7 *Op. cit.*, p. 64.

8 *Op. cit.*, p. 64.

O que deve ser captado é que nesse terceiro tipo de identificação não é um significante que se elege como ponto de referência. É a falta, isto é, o desejo. O ponto comum que salienta esse gênero de identificação histórica é o ponto da falta.

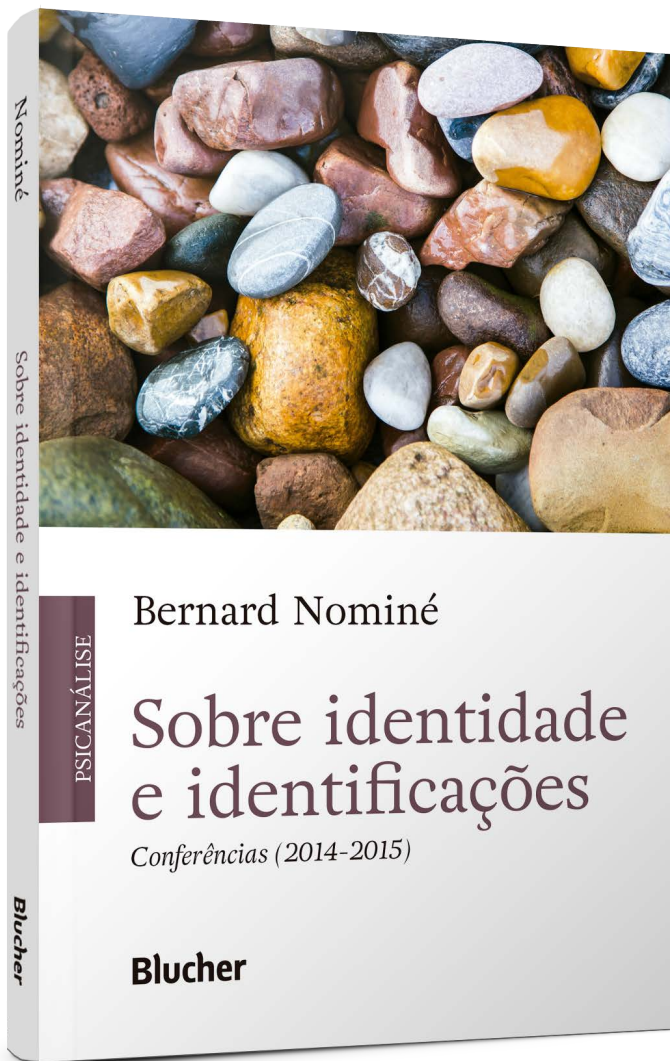
O que as companheiras perceberam inconscientemente na primeira, que serve de modelo a seu sintoma, é o ponto de falta, falha que indica o desejo.

Temos assim formuladas as três identificações freudianas. Voltemos, agora, à primeira, que é a mais problemática. A forma primitiva da identificação traduziria um apego primitivo ao objeto no qual o Eu incorpora as qualidades do objeto, como o canibal que come o inimigo a quem havia estimado. Esse é o modelo com o qual Freud construiu seu mito *Totem e tabu*. Essa identificação primitiva deveria se dar com o objeto primordial, a mãe, mais precisamente. Porém, essa não é a tese de Freud. Freud fala do pai. E Lacan, nesse ponto, segue-o sem discussão, muito embora isso lhe pareça estranho.

Essa incorporação constitui uma parte da alteridade do eu, isso que Freud denomina *ideal do eu*. Esse ideal do eu é, portanto, uma instância simbólica que deve ser distinguida do eu ideal que corresponde a uma imagem. Certamente, essas duas identidades estão chamadas a se associar. É melhor mesmo que se associem, caso contrário ocorre o conflito que em geral se traduz no que os psicanalistas franceses hoje chamam de perda de estima de si [*perte de l'estime de soi*], que nada mais é que o afeto depressivo. O sujeito depressivo é um sujeito cujo ideal do eu maltrata o eu.

O ideal do eu resulta, portanto, de uma incorporação.

O que foi incorporado não é uma imagem, é um significante, é o significante que resume a presença do Outro. É o famoso *einzigster*



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Sobre Identidade e Identificações

Bernard Nominé

ISBN: 9788521213598

Páginas: 152

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2018
